

JORGE AMADO

A militância das letras

Ana Amélia M. C. de Melo
Universidade Federal do Ceará

Resumo: Este artigo examina a atuação do escritor Jorge Amado como redator chefe no jornal literário Dom Casmurro (1937–1946). Conhecido e consagrado por sua produção literária iniciada ainda em 1931, o escritor baiano também foi figura atuante na vida política e cultural nacional. Embora estudiosos considerem a importância de Jorge Amado como literato e militante neste período, a atuação em Dom Casmurro tem recebido pouca atenção. Ao assumir em 1939 a redação deste periódico, num momento marcado por perseguições e censura do Estado Novo, Jorge Amado já militava no Partido Comunista além de ter publicado seis romances de sucesso. Por sua vez Dom Casmurro se constitui em um relevante periódico de literatura e cultura, desenvolvendo em suas páginas intenso debate sobre qual era efetivamente seu papel. Era ele veículo de expressão literária ou representante de uma determinada corrente política? Interessa neste artigo compreender as tensões que marcaram as relações entre os intelectuais, a imprensa e a política durante o Estado Novo através deste jornal e da atuação de Jorge Amado.

UM JORNAL LITERÁRIO?

Durante o período de 12 de agosto de 1939 a 4 de maio de 1940, o escritor baiano Jorge Amado atuou como redator-chefe do jornal literário *Dom Casmurro*. Este periódico com circulação nacional fora criado no Rio de Janeiro em 1937. Seus fundadores foram Brício de Abreu (1903–1970), jornalista atuante na imprensa carioca, além de teatrólogo e redator de diversos periódicos como *O País*, *A Razão*, *A Vanguarda*, *Diário da Noite*, *O Jornal* e *O Cruzeiro*, e Alvaro Moreyra (1888–1964), importante escritor também conhecido no meio intelectual do Rio de Janeiro, é apontado como uma das figuras pioneiras na Semana de Arte Moderna. Foi também cronista, memorialista e teatrólogo (De Luca 2013).

O primeiro número do que era chamado o grande hebdomadário brasileiro, circula no dia 13 de maio e, semanalmente, assim se manteria durante quase dez anos até o fim de suas atividades em dezembro de 1946. Na estreia Brício de Abreu inaugura sua coluna *Nós*, apresentando o objetivo do impresso e explicando a escolha do nome. Segundo dizia inexistia, no Rio de Janeiro, um jornal que falasse a todos, que não seguisse apenas um programa político. *Dom Casmurro* procurava legitimar-se como uma folha escrita por intelectuais com o propósito de oferecer um constante debate de literatura e cultura. A proposta aspirava realizar a crítica ao que ele chamava de “burrice dominante no mundo intelectual carioca” (*Dom Casmurro* 1937a). Levantava-se em nome de uma liberdade de pensamento e procurava situar-se claramente no âmbito da literatura. Como inspiração, e estabelecendo uma ligação simbólica, os mentores do periódico tomam de empréstimo para o título do jornal, o nome do personagem do romance homônimo de

Machado de Assis. O protagonista era tido como um homem recluso, de poucos amigos. Brício de Abreu, dessa forma, define o espaço da crítica que pretendia ocupar. Diria no primeiro número do jornal: “só um tipo ranzinza, que não tenha convívio com ninguém, enfim um ‘*Dom Casmurro*’ seria capaz de o fazer”. Logo abaixo do título seria acrescentado uma epígrafe retirada do livro de Machado de Assis: “A confusão era geral . . .” (*Dom Casmurro* 1937a). *Dom Casmurro* queria posicionar-se do lado oposto de uma crítica realizada entre amigos que consagrava autores e livros pelos critérios prevaletentes da “igrejinha”, do “apadrinhamento”, do “elogio recíproco” (Sodré 1970, 117).

Chama a atenção o período de criação deste jornal, assim como os quase dez anos de circulação, marcadamente um momento de repressão e controle do Estado Novo (1937–1945). O intenso debate político e o alinhamento em torno de uma determinada posição era uma preocupação presente na vida nacional e que atravessava o debate cultural. A complexidade deste cenário é ainda maior se lembrada a participação, mais nem sempre cooptação, de muitos intelectuais no Estado Novo. Fundar e manter um jornal dependia da benevolência ou não do estado. Diversas formas de controle direto e indireto existiam, uma delas seria o decreto assinado por Getúlio Vargas em 1938 que estabelecia isenção fiscal para importação de papel. Frente ao alto custo dessa matéria-prima pelas circunstâncias da guerra, a medida parecia de incentivo, entretanto os proprietários de jornais e revistas deveriam requisitar tal isenção ao Estado e atender uma série de exigências.¹ O mecanismo representava diretamente um controle do Estado sobre os jornais. A situação tornava-se mais rigorosa a partir da criação do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) em dezembro de 1939 aumentando a vigília através do estabelecimento da censura.

O tema do fornecimento do papel era uma ameaça que pairava entre as preocupações centrais dos jornais. A falta de papel foi mencionada explicitamente em *Dom Casmurro*, no editorial do número 118 de 16 de setembro de 1939, justificando a necessidade de redução das páginas de doze para oito. O motivo da redução era atribuído à guerra. Nas memórias de Joel Silveira (1918–2007), um dos maiores colaboradores no jornal, com coluna semanal durante toda a existência do periódico, alude abertamente às dificuldades de *Dom Casmurro*, com o Estado Novo, para escapar da censura e do corte de papel. Diz o jornalista:

Para trazer a imprensa no cabresto, o DIP passou a dispor de uma arma poderosa: o controle da importação do chamado papel “linha d’água” utilizado por jornais e revistas e tudo o mais. Controlando a importação do papel que vinha da Finlândia e Canadá, o DIP também se atribuía a prerrogativa de distribuir as bobinas ou cotas de que necessitavam diária ou mensalmente os jornais e revistas [. . .] Jornais contrários ao novo regime ou recalcitrantes poderiam sofrer toda uma gama de castigos, que ia da advertência, passava pela censura prévia, redução da cota de papel e, finalmente, a supressão total do fornecimento de papel. (Silveira 1998, 177–178).

Brício de Abreu afirmava repetidas vezes ser *Dom Casmurro* semanário estritamente literário, e como tal não pretendia discutir assuntos de política, mas

1. Decreto-Lei Nº 300, Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro. <http://www.fgv.br/cpdoc/busca/Busca/BuscaConsultar.aspx> Verbete DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda).

apenas divulgar o que de mais importante existia da produção cultural no Brasil e no exterior. De fato, na lista de seus colaboradores, apresentada no primeiro número do jornal, estão nomes importantes da literatura brasileira como Manuel Bandeira, Aníbal Machado e nomes menos conhecidos atualmente como Celestino Silveira, Vanderlino Tavares Bastos, Bandeira Duarte. Além dos redatores Álvaro Moreyra, Marques de Rebelo e o próprio Jorge Amado. No número quatro o jornal publicaria uma lista com trinta e nove nomes de colaboradores entre eles Murilo Mendes, Graciliano Ramos, Carlos Drummond de Andrade, Gilberto Freyre, José Lins do Rego, Sergio Buarque de Hollanda entre outros (*Dom Casmurro* 1939n).² Entretanto, apesar das reiteradas afirmações do diretor, o jornal publicava, com alguma frequência, artigos relacionados ao momento político. Além dos manifestos em apoio à República Espanhola e à campanha presidencial no Brasil de José Américo, em 1937, outros textos que tratavam da política nacional foram publicados, alguns dos quais favoráveis ao Governo como no número 132 de 6 de janeiro de 1940 no qual o jornalista escreve sobre Lourival Fontes e elogia a escolha feita pelo Presidente Getúlio para a Direção Geral do DIP. Ainda em 1937, Murilo Mendes, também colaborador com coluna semanal, publica vários artigos polemizando com os Integralistas. Mais adiante, em 18 de maio de 1940, quando comemoram os três anos do jornal, Brício de Abreu fala das enormes dificuldades em manter o jornal. Suas palavras são elucidativas:

Se tanta vez esse nosso programa foi torcido e mal interpretado, a propósito, pelos incapazes, pelos invejosos, se tanta vez sofremos por ideias que não tínhamos e por feitos que nem pensávamos cometer, que nos levaram à prisão e a suspender a nossa publicação durante semanas; se temos sofrido um intenso boicote comercial —temos também a satisfação da certeza, da consciência tranquila, da imensa alegria que nos traz um maior conforto ainda no meio de toda essa barafunda, que é a cultura no nosso meio, de havermos cumprido sempre, sem desfalecimentos, o programa que traçamos desde o primeiro número, e, ainda mais, de nunca havermos traído à nossa pátria, os seus interesses e os seus ideais. (*Dom Casmurro* 1940a)

A menção à suspensão da publicação, ao boicote e à prisão dão a conhecer a realidade do exercício da atividade jornalística nesse período. Joel Silveira declara serem frequentes os problemas dos jornais com a censura do Estado Novo. *Dom Casmurro*, como assevera, também seria tutelado. Eram comuns os envios, por parte do governo, de matérias sobre as “qualidades” de Getúlio e seus ministros (Silveira 1998, 182). Dessa forma deve ser tomada em conta e contextualizada a insistência do editor de *Dom Casmurro* no conteúdo literário da publicação.

Não cabe dúvidas tratar-se de jornal literário. Não apenas está isto posto no editorial quando de sua criação e na escolha do nome, quanto é de fácil verificação no corpo editorial composto, em grande parte, de escritores. O jornal publicava frequentemente uma lista de colaboradores com nomes de escritores de relevância nacional. As matérias tratadas também são essencialmente sobre escritores e literatura. Entretanto estas escolhas não isentam o jornal de estar situado também no

2. No número 103, na comemoração do segundo aniversário do jornal, Brício de Abreu fala nos colaboradores, gente jovem que ajudou a erguer o jornal. Cita Jorge Amado, Joel Silveira, Omer Mont'Algre, Josué Montelo, Wilson Lousada e Nélio Reis (*Dom Casmurro* 27/5/1939, n. 103, p. 1).

campo político como tantas vezes procura negar. Certamente poderemos afirmar tratar-se de artifícios do jornal para escapar das punições do governo como corte da cota de papel ou suspensão do semanário. As palavras do diretor no terceiro aniversário apontam para a tensão existente e contradizem as afirmações de que o jornal não tratava de política. Também podemos acrescentar que o próprio grupo de escritores escolhido para colocar o nome e colaborar no jornal deixam ver posições políticas.

A polémica em torno à posição política do jornal e às insinuações de que dava acolhida aos comunistas é o tema na coluna de Brício de Abreu, do dia 25 de Novembro de 1937, logo após o Golpe de 1937 e a implementação do Estado Novo. O título da coluna é precisamente a epígrafe do jornal: “E a confusão era geral”. Nela o diretor defende-se das acusações de que essa frase é a expressão do Komintern. No editorial Brício responde aos que ele chamava de “difamadores” e se dedica a enumerar as acusações: “Fomos acoimados de comunistas, politiquieiros, fascistas, trotskystas, e até mesmo de ‘jornal a soldo de países estrangeiros.’” E continua:

Malgrado nosso silêncio, malgrado o seguirmos a nossa labuta humilde com fé e resignação, sem nos imiscuirmos em política, sem partidarismo, os ataques continuaram. A raiva diante da nossa indiferença, passou a espumar. Não respeitaram nada, nem mesmo um passado probro, limpo, de intelectual, o de um homem que dedicou toda uma vida as letras, como o de Álvaro Moreyra, mereceu respeito —passando ele a ser atacado até por “pivetes” que começaram ontem, que ainda cheiram a “cueiro” no jornalismo e na literatura. O pretexto era sempre o mesmo —“comunista”. (*Dom Casmurro* 1937b)

As acusações e a resposta evidenciam o clima de perseguição política. Se as afirmações apresentadas por Brício de Abreu no primeiro número do jornal não deixam dúvidas sobre seu perfil, especialmente se levamos em conta as restrições anteriormente apontadas, por outro lado, a opção por uma atuação no campo da literatura, que poderia representar uma posição neutral num campo minado, não o isentou das disputas políticas nem do controle e censura do DIP.

Não devemos esquecer a disputa ideológica tão fortemente presente nesses anos e que impregnam o debate cultural. Segundo Antonio Candido (1984), o clima internacional de crescimento do fascismo e de aberta disputa que se concretizaria na Segunda Guerra, assim como internamente a Revolução de 1930, cria um “convívio íntimo” entre literatura e ideologia política. A tônica prevalecente era de engajamento seja social ou espiritual. Guilherme Mota realiza afirmação semelhante ao propor que cultura e política nesse momento se “entrecruzavam” (Mota 1994, 137).

De igual maneira não podemos subestimar tampouco o crescimento do mercado editorial como apontado por Sergio Miceli (2001) e Gustavo Sorá (2010) bem como a ampliação da perenidade de publicações periódicas que incrementaram a dinâmica intelectual desde princípios dos anos 1930, conforme indicado pelo estudo de Tânia de Luca (2011b). Os jornais literários passarão a ocupar um espaço importante legitimando e propagando escritores e editoras.

A participação de um escritor sabidamente comunista, num jornal que afirmava repetidas vezes recusar o político, nas circunstâncias já apontadas indicam a problemática que buscamos analisar. Em que pese todas estas questões assina-

ladas, o jornal sustentará a preocupação de cultivar sua linha de Jornal literário e cultural, definindo sua posição ideológica nem sempre tão abertamente, mas através da escolha de seus colaboradores e da literatura que será matéria no jornal.

JORGE AMADO: DE LITERATURA E LIVROS

A opção por Jorge Amado para assumir a direção de redação do jornal demonstram tanto suas preferências políticas quanto literárias. Já em 1939 eram conhecidas as ligações diretas de Jorge Amado com o Partido Comunista Brasileiro (PCB) e as perseguições que o escritor sofria. Da mesma forma era tido como um jovem e talentoso escritor. O primeiro romance de Jorge Amado, *O país do Carnaval*, foi publicado em 1931. Em 1933 publicou *Cacau*. Nesse mesmo ano atuou na *Revista Rio Magazine*, como redator-chefe. Também em 1933 foi eleito membro dirigente do Comitê da Juventude Comunista e no ano seguinte, em 1934 publicou *Suor*. Igualmente participou da Aliança Nacional Libertadora, fundada em 1935 e como tal foi redator de *A Manhã*, órgão de divulgação da ANL. Nesse ano de 1935, com a repressão que se seguiu à Intentona Comunista, Jorge Amado é acusado de subversão. Nesse período publica *Jubiabá* (1935), *Mar Morto* (1936) e *Capitães da Areia* (1937). Em 1937, fugindo da repressão, empreende uma longa viagem pela América Latina e Estados Unidos. No Brasil entre os anos de 1937 a 1943 seus livros serão tirados de circulação pelo Estado Novo (Amado 2011, 158).

O então jovem escritor da Bahia, antes de assumir a chefia de redação em *Dom Casmurro* já era conhecido colaborador e publicara no jornal em 1938, alguns artigos sobre a viagem que realizara pela América Latina (Amado 2001). No novo cargo, durante o período de agosto de 1939 a maio de 1940, escreverá semanalmente uma coluna na primeira página do jornal. Antes dele, Marques de Rebelo ocuparia o mesmo cargo. Na gestão de Jorge Amado o jornal apresenta na coluna de créditos geralmente na segunda página, os seguintes redatores: Anibal Machado, Manuel Bandeira, Edith Margarinos Torres, Zoya de Laet, Wilson Louzada, Durval de Azevedo e Franklin de Oliveira. Redator Desenhista, Augusto Rodrigues, Santa Rosa, Jacques Bertrand, Sotero Cosme. O jornal exibia na mesma coluna de créditos, informações sobre a existência de agências em cidades como São Paulo e Fortaleza.

No número 113, quando aparece pela primeira vez na portada do jornal o nome de Jorge Amado, Brício de Abreu escreve editorial no qual fala da mudança da redação e tece elogios a Marques de Rebelo. Este deixava a redação, segundo afirma seu diretor, por ter que residir em Minas Gerais. Nessa mesma coluna o jornal informa rapidamente a mudança, elogiando o trabalho do escritor Jorge Amado e sua militância na imprensa. O editorial enfatiza o dinamismo do escritor e sua juventude, assim como a qualidade e quantidade de obras considerando sua pouca idade (*Dom Casmurro* 1939a).

Durante o período em que está na redação publica semanalmente um artigo, com exceção de três edições: a edição do centenário da República que unifica duas edições e reproduz reportagens da época e a edição 148 de 4 de maio de 1940, última onde aparece seu nome na página de rosto. Ao todo somam trinta e quatro artigos como redator chefe. No primeiro deles será apresentando um novo

concurso de romances que *Dom Casmurro* dava início em parceria com a editora Vecchi. Um concurso de contos realizou-se no jornal em anos anteriores e os contos premiados foram publicados no Jornal. Desta feita o jornal prometia além de prêmio em dinheiro, publicação do livro pela Editorial Vecchi. Procurando esclarecer o leitor sobre os propósitos do concurso, o novo chefe de redação faz uma breve análise da condição em que se encontrava o mercado editorial no Brasil. O diagnóstico de Amado era bastante lúcido. Diria ele: “Os capitais invertidos na indústria editorial brasileira são, relativamente aos outros países (mesmo em relação à Argentina), incrivelmente pequenos. E essas editoras, com raríssimas exceções, se dedicam quase que exclusivamente à literatura estrangeira, enchendo 90 por cento do seu programa com traduções; considerando literatura brasileira objeto de luxo. Tem um santo horror aos estreantes e só acolhem um escritor nacional com certa consideração quando ele já está vitorioso e representa a certeza de um lucro bastante apreciável” (Amado 1939a, 1).

O balanço justificava a necessidade do concurso. Segundo afirmações suas, respaldadas em depoimentos de amigos editores, por um lado havia no país, nesse momento, um aumento do número de romances recebidos pelas editoras para publicação, porém, estas tinham suas agendas de publicação totalmente preenchidas o que fazia com que muitos bons livros não pudessem vir à público. Para Jorge Amado, crescia a produção de boa literatura no Brasil e esta ultrapassava a capacidade de absorção das poucas editoras. Por outro lado, para o escritor baiano essas poucas editoras investiam majoritariamente em literatura estrangeira, 90 por cento da produção era de traduções de autores já consagrados e que garantiam um retorno financeiro seguro. O concurso de romances de *Dom Casmurro*, diz Jorge Amado, tinha o objetivo de abrir espaço para novos nomes na literatura nacional.

O tema de concursos literários apareceria novamente no número 117 de 9 de setembro de 1939, mas desta vez Jorge Amado escreve sobre o sucesso que tinha tido o concurso de romances de *Dom Casmurro*. Inicia o texto comparando o fracasso de concurso semelhante feito pelo Pen Club do Brasil: “Neste momento em que na redação de *Dom Casmurro* estamos recebendo os primeiros originais dos romances concorrentes aos prêmios [. . .] que há três semanas lançamos, leio no Boletim do Pen Club do Brasil que apenas seis candidatas concorreram a um concurso de romances instituído por este Club”.³ E continuaria mais adiante: “temos o seguinte fato estranho: enquanto os concursos lançados por casas editoras e jornais literários tem uma extraordinária aceitação, entre os intelectuais e o público, os concursos de duas associações que deveriam ser as mais altas entre as forças intelectuais do país não despertam interesse algum, passam despercebidos” (Amado 1939b, 1). Para Jorge Amado esta associação, bem como a Academia Brasileira de Letras, é vista com desprezo pelos intelectuais, mesmo aqueles iniciantes. No artigo são citados outros concursos onde o número de inscritos era grande, como o Concurso Humberto de Campos da José Olympo com oitenta e dois concorrentes, o prêmio Machado de Assis da Editora Nacional. Lembra também do

3. Pen Clube do Brasil (<http://penclubedobrasil.org.br>), criado em 1936 pelo acadêmico Claudio de Souza, é uma associação literária vinculada ao Pen Clube Internacional que permanece ativa.

grande número de inscritos no concurso de Contos do jornal *Dom Casmurro* com centenas de concorrentes. Ao ressaltar o sucesso dos concursos das editoras e jornais literários destaca a presença de grandes nomes concorrendo como no Premio Machado de Assis com Marques de Rebelo, Érico Veríssimo, João Alfonsus, Dyonélio Machado. No concurso Humberto de Campos o vencedor foi um escritor já conhecido, Telmo Vergara. Diz Jorge Amado (1939b, 1) que a direção do Pen Club “fracassou nos seus propósitos de fazer uma associação moralizada e respeitada pelos intelectuais brasileiros”.

Podemos inferir da citação acima, outra questão. O concurso do Pen Club, segundo indica Jorge Amado, premiava os ganhadores em dinheiro ao passo que *Dom Casmurro* prometia a publicação do livro. Se lembrarmos das afirmações expostas no primeiro artigo de Amado, sobre as dificuldades de publicação para os escritores iniciantes, não resta dúvida que a promessa de publicação pelo concurso poderia despertar maior interesse do que a remuneração pecuniária. O concurso assegurava o reconhecimento pelos pares, além de garantir o lançamento do livro, tratando-se, dessa forma, de um capital simbólico de imenso valor em tais circunstâncias. As indicações de Jorge Amado (1992, 238) nesse sentido são claras: “Fui eu quem criou o Prêmio de Romance *Dom Casmurro* quando redator-chefe do semanário de Brício de Abreu. Não tínhamos dinheiro para dotação da láurea mas obtive com Omer Mont’Alegre, diretor literário da Edições Vecchi, contrato de publicação do romance vencedor e constituí júri mais valioso do que um cheque magro”.

O tema das associações de escritores será recorrente nas páginas deste jornal, o qual será especialmente levantado por Brício de Abreu em sua coluna. O número 129 teria sua primeira página dedicada à confraternização promovida pelo jornal realizada no Cassino da Urca. Nesse número Jorge Amado (1939c) dedicava sua coluna ao evento. A partir do número seguinte, em 23 de dezembro de 1939, Brício empenha sua coluna em defender a criação de uma Sociedade de Gente de Letras (*Dom Casmurro* 1939b). O jornal publicará, a partir dessa data, anúncios para que os escritores se associassem. Havia uma insatisfação com a representatividade da Academia Brasileira de Letras (ABL) e do Pen Club como instituições que de fato refletisse a renovação da literatura desse momento e os interesses dos escritores. Jorge Amado não se pronunciaria em *Dom Casmurro* diretamente sobre a criação de uma nova associação, porém realizava duras críticas às existentes e quando é criada em 1943, no Rio de Janeiro a Associação Brasileira de Escritores (ABDE), Jorge Amado se tornaria membro e participaria como delegado no Congresso em 1945, em São Paulo.⁴

Dos trinta e quatro artigos que Jorge Amado escreve em sua coluna, oito eram textos literários de sua autoria. Eram pequenos excertos de seus livros ou esboços literários como no caso de “Sinhô Badaró” que posteriormente iria compor seu romance *Terras do sem fim*. Além desses escritos literários podemos dividir os

4. A Associação Brasileira de Escritores (ABDE) foi criada em 1942 no Rio de Janeiro e funcionou com o mesmo nome até 1958. Possuía seções em diversos estados brasileiros. Organizou congressos nacionais e regionais onde, entre outros temas, debateu e propôs projeto regulamentação dos direitos autorais no Brasil (Melo 2011).

artigos de Jorge Amado em dois grandes grupos: as resenhas propriamente ditas onde comentava autores que estavam sendo lançados; e os artigos dedicados a pensar problemas do mercado de livros no Brasil. Ainda que estes temas necessariamente se aproximem, para nossa análise consideramos, pelo conteúdo dos artigos, a necessidade de uma distinção.

Menos frequente serão os textos relativos a temas gerais de cultura, ou seja, que não tratam de literatura. Nomeadamente podemos citar dois textos: os artigos sobre o muralista mexicano Leopoldo Méndez e um sobre o cartunista brasileiro Alvarus. O primeiro fala da amizade com Leopoldo Méndez, desde a primeira vez que o conheceu, na cidade do México. Segundo diz foi o poeta Miguel Bastos Cerezedo quem os apresentou no Café Tupinambá, frequentado por escritores e artistas. Leopoldo Méndez é comparado a Diego Rivera. São destacados os elogios à personalidade simples e simpática, sua generosidade e amizade interessada pelo Brasil (Amado 1939d). Artigo no mesmo estilo é escrito sobre o cartunista Alvarus em *Dom Casmurro* (Amado 1939e). Em ambos textos, apesar de falar do valor do trabalho destes artistas, Amado detém-se na digressão biográfica.

Em outro de seus textos procurava indicar a política literária do jornal, como de criação de uma sessão de literatura portuguesa, buscando argumentar da necessidade de uma maior aproximação e valorização dessa literatura. A sessão seria feita pelo escritor português Antonio Amorim. As afirmações de Jorge Amado (1939f) dão a entender que o jornal também chegava em Portugal. Ainda em torno da organização do jornal, Jorge Amado (1940a) escreve, no primeiro artigo do ano de 1940, consultando e pedindo sugestões aos leitores sobre novas seções ou temas, buscando renovar e atender aos interesses do público leitor.

Como afirmamos anteriormente a maior parte dos artigos são resenhas ou comentários sobre o mercado editorial. Vejamos o grupo das resenhas. Os livros do qual ele se ocupa são H. G. Wells, *História universal* (Amado 1939g); Will Durant, *História da filosofia e filosofia da vida* (Amado 1939h); Dante Costa, *Itinerários de Paris* (Amado 1940b); Charles E. Key, *As grandes expedições científicas no sec. XX* (Amado 1940c); Alfred Adler, *A ciência da natureza humana* (Amado 1939i); Frank Harris, *Biografia de Oscar Wilde* (Amado 1940d), e Macaulay, *Ensaios históricos* (Amado 1940e). Todos estes pela Editora Nacional publicados entre 1939 e 1940. Além de Ascenso Ferreira, *Canna Caianna*, publicado pelo *Diário da Manhã* de Recife (Amado 1939j), Rómulo Gallegos, *Doña Bárbara* da editora Guaíra de Curitiba (Amado 1939k), Jorge de Lima, *A Mulher Obscura* (Amado 1939l), e Álvaro Lins, *História literária de Eça de Queiroz* ambos da José Olympio (Amado 1940f). Somando onze títulos, podemos ver o predomínio da Editora Nacional de São Paulo, com sete títulos e todos escritores estrangeiros sendo traduzidos. Apenas três livros de literatura brasileira propriamente e um comentário de literatura hispano-americana.

Estes artigos, bastante breves, acentuam uma abordagem mais descritiva e informativa que propriamente uma análise crítica aprofundada ou um exame detalhado. Não obstante é possível entrever em várias situações um movimento de afirmação de determinada literatura: aquela que explora a linguagem cotidiana, o mundo dos homens comuns. Ele faz permanentemente uma apologia de uma escriturá mais acessível, que chegasse a um público leitor mais amplo. É o que afirma quando elogia o filósofo Will Durant por transformar a filosofia em “uma

coisa amena e deliciosa” (Amado 1939a, 1). Jorge Amado diz que ele “tirou a filosofia da cadeia onde cidadãos barbudos e de ares professorais a retinham como escrava” (Amado 1939a, 1). Para o escritor baiano isso permitiu que os jovens se interessassem mais pela filosofia. Por outro lado está presente em seus comentários uma preocupação em atualizar a discussão, em trazê-la para o debate da atualidade. Isto está claro na análise de Wells. O próprio título da matéria indicava o sentido de suas observações. Em “Wells, o pacifista” afirmaria:

Creio que aí está um livro que se deve recomendar a todo o publico brasileiro. Belo como um poema, humano como um romance, agradável como um livro de aventura, útil como uma lição. Depois de sua publicação Wells merece mais do que ninguém o nome de Mestre. Mestre que vem nos ensinar com belas palavras coisas que não morrerão porque, com entusiasmo ele só nos fala nos grandes sentimentos: amor e paz entre os homens. Essas são palavras que o tempo não destroe. Ouví-las de um Wells é mais que confortador nesse momento de guerra e de ódios desencadeados. (Amado 1939g, 1)

A linguagem usada bem como as questões aqui postas permite observar sua ênfase em ampliar a interlocução com os leitores. A indicação do livro de Wells é para todo o publico brasileiro, e seu propósito, visto na linguagem, é de facilitar esse processo.

Tratava-se de ampliar o público leitor e orientá-lo em suas escolhas. Ao escrever aos leitores, no início de 1940, para pedir sugestões de colunas e matérias novas, Amado aponta para o sentido que parecia ser pedagógico: “temos procurado fazer um jornal que leve ao público das capitais e ao público do interior, as informações mais completas sobre a vida intelectual no Brasil e no estrangeiro, sobre todos os assuntos de literatura, artes e ciência, dando semanalmente aos nossos leitores através [d]as colaborações nacionais e estrangeiras, através [d]a matéria redacional, uma orientação sobre os livros, os escritores, os artistas, os acontecimentos de maior repercussão” (Amado 1940a, 1).

No grupo de artigos dedicados ao mercado editorial, ou seja, aqueles textos que refletiam sobre os problemas do preço do livro, da qualidade editorial bem como cogitando soluções para difundir o livro, torná-lo mais barato e mais interessante, encontramos sete. Cada um deles trata da qualidade do livro infantil, das formas de divulgação do livro em termos gerais, das causas do alto custo, dos prêmios literários, dos incentivos e das traduções. Nesses artigos é possível vislumbrar alguns problemas do mercado editorial no Brasil, nesse período, de suas disputas e dificuldades. A preocupação mais frequente era com preço do livro e sua inacessibilidade para todos. Jorge Amado sublinha as dificuldades das editoras com os altos preços do papel. Ele ainda examina algumas alternativas como a criação de feiras anuais semelhantes àquelas realizadas pela Civilização Brasileira. Segundo as afirmações do escritor baiano a editora coloca seus livros a venda com os preços 50 por cento mais baratos. O sucesso nas vendas poderia inspirar às demais editoras. De igual maneira comenta a exposição do livro americana patrocinada pelo Ministério da Educação. A exposição poderia ser vista como um momento para as editoras brasileiras estudarem e “melhorar intelectual e graficamente o livro nacional” (Amado 1939m, 1).

Em um de seus textos o tom é de denúncia e revolta. Com o título sugestivo

“Livros escravos e reedições” Amado apresenta o caso da edição do livro *Religiões do Rio* de João do Rio. Inicialmente sem indicar o nome da editora, apenas destacando tratar-se de donos estrangeiros, afirmava: “As dificuldades com que lutam as nossas casas editoras para reeditar as melhores obras do nosso passado literário reside exatamente na dificuldade de se conseguir comprar os seus direitos autorais, qua andam em mão de editoras já perto do desaparecimento, que os compraram por somas ridículas, que não reeditam esses livros, que não vendem esses direitos autorais ou quando pretendem vender, procuram cobrar preços inteiramente inacessíveis. Alguns dos nossos maiores livros estão assim escravos” (Amado 1940f, 1). Ao fim do texto informaria tratar-se da editora Garnier. O artigo aponta para um mercado editorial crescente, que sofria mais com o monopólio do que com a falta de compradores. Muitos títulos estavam esgotados e havia procura por eles, situação que era explorada pelas casas editoriais detentoras dos direitos autorais. A dinâmica editorial do período tem em Jorge Amado um testemunho privilegiado. Se até 1930 o livro importado predominava no Brasil, a crise internacional destes anos e a guerra, transforma a produção de livros no Brasil um dos mercados mais prósperos (Hallewell 2012, 465). Jorge Amado registra desde o ponto de vista de um escritor esse processo, apontando para algumas observações como a necessidade publicação de bons escritores brasileiros desconhecidos, que não conseguiam publicar e que portanto era para eles que se voltavam os concursos em *Dom Casmurro*. Também criticava os interesses mercadológicos que prevaleciam na escolha do que publicar, além das questões referentes ao monopólio dos direitos autorais. O problema dos direitos autorais será recorrente nas discussões entre escritores e intelectuais nestes anos e uma das questões presentes nos debates da Associação Brasileira de Escritores que se cria em 1942.

É de se notar no conjunto destes textos escritos por Jorge Amado, uma total ausência de referências a escritores e à literatura com a qual ele é identificado: Graciliano Ramos, Raquel de Queiroz ou José Lins do Rego. Se bem há uma preocupação acentuada com a produção nacional esta aparece especialmente nas traduções. Devemos levar em conta o contexto de guerra que se por um lado dificulta a importação, por outro estimula as traduções. Há uma centralidade nos temas da tradução e divulgação do livro. Os artigos de resenhas também têm um caráter predominante noticioso, onde aparece um breve perfil biográfico do autor e comentários passageiros sobre as qualidades da obra. Podemos observar algumas que nos dão a dimensão do que era considerado relevante destacar, nesta época e para Jorge Amado.

Um dos seus escritos volta-se para o livro de poemas de Ascenso Ferreira,⁵ publicado em Recife com o título *Cana Caiana*. Diz Amado: “Não sei de um título melhor para um volume de poemas de Ascenso que este. Sua poesia está em relação à cana de açúcar como os estudos de Gilberto Freyre e os romances de José Lins do Rego. Todos os ritmos do seu livro delicioso giram em torno de

5. Ascenso Ferreira (1895–1965), poeta pernambucano frequentador dos folguedos tradicionais populares do Nordeste. Em 1922 adere aos Modernistas de São Paulo. Vincula-se também a Luis Câmara Cascudo que considera seu mestre. Torna-se conhecido pelas declamações de suas poesias, publicando a partir de 1959 poesias com gravações (Moisés 1999).

temas que os engenhos de cana forneceram ao nordeste” (Amado 1939j, 1). A publicação do poeta pernambucano é destaca por sua inovação na linguagem, por seu despojamento e a permanente referência do poeta ao mundo da caatinga e dos canaviais do nordeste brasileiro, à presença da terra, a musicalidade das cores e sabores pernambucanos. É lembrada ainda a filiação de Ascenso Ferreira ao movimento modernista, porém com destaque para sua forte presença popular em Recife. Jorge Amado faz voz aqui a tônica de sua literatura: o drama humano e a pobreza do nordeste mas também seu sensualismo que emana das experiências cotidianas populares.

Em sua coluna semanal, como pode ser evidenciado, não busca realizar uma análise mais especializada da obra. O objetivo, como temos indicado, é de divulgação e orientação, portanto tem um caráter noticioso e pedagógico, enveredando pelo caminho da apresentação das qualidades e interesse do livro.

Seu trabalho na redação de *Dom Casmurro* é encerrado no número 148 de 4 de maio de 1940. Neste momento seu nome ainda apareceria na portada do jornal como redator chefe, porém já não publica nenhum artigo. Na edição seguinte, Brício de Abreu informa aos leitores em sua coluna a saída do escritor baiano motivada pelos seus compromissos literários. Encerra laconicamente afirmando da saudade que ele deixará e reafirmando sua importante contribuição em *Dom Casmurro*.

NAS LETRAS DA POLÍTICA

A entrada de Jorge Amado (1992, 366) em *Dom Casmurro* é apontada por ele próprio, em suas memórias, como de um tempo difícil: “A ditadura do Estado Novo fecha-me as portas, dificulta as oportunidades de trabalho [. . .] Faço de um tudo e mais que tudo participo da atividade do pecê”. Sem rendimentos pelo cargo que ocupava não deixava entretanto de participar ativamente, sendo, como nos diz, responsável pela organização do Concurso de romances preparado por *Dom Casmurro* e que lançaria o nome de Dalcídio Jurandir como escritor revelação, com o livro *Chove nos campos de Cachoeira*. Igualmente seria redator de *Diretrizes* sem obter rendimento.⁶

Seu trabalho em *Dom Casmurro* é mencionado em carta de Emil Farhat a Werneck Sodré como renovador. Ao assumir o jornal, diz Farhat, Amado procurava dar a este um espírito mais moderno. Afirma Emil Farhat, em carta reproduzida por Sodré (1970, 201): “O Jorge Amado, como você já deve saber, está agora como redator chefe do *Dom Casmurro* e, na medida das possibilidades do jornal, melhorou-o imensamente, dando um espírito mais moderno àquilo que estava se tornando bolorento e descambando para o fraco literatismo provinciano”. O que significava, no momento, esse espírito mais moderno? Algumas pistas são sugeridas nas memórias de Werneck Sodré. Os ficcionistas nordestinos da década de 1930,

6. *Diretrizes* (1938–1944) foi fundada sob a direção de Azevedo Amaral, um dos ideólogos do Estado Novo. A partir de novembro de 1938 Amaral abandona a direção da revista que é assumida por Samuel Wainer, dando nova orientação política. Neste período vários escritores comunistas e simpatizantes contribuem com a publicação (Ferrari 2008).

nos diz, enfatizam a recusa ao ornato verbal, à retórica e buscam a linguagem “próxima do coloquial”. Esta seria uma posição ideológica, tratava-se de voltar-se para a realidade brasileira, aproximar-se do homem comum seja através de uma linguagem simples e direta, seja através de temas relativos a esse mundo. A ideia de criação de *Dom Casmurro*, como apontamos, surge em Paris. Brício de Abreu lá vivera desde 1927 exilado por sua participação na imprensa durante o governo de Arthur Bernardes. Pesquisas recentes vinculam ele aos jornais *Paris Soir* e *Paris Midi* (De Luca 2013, 279). O jornal era mencionado em algumas circunstâncias por seu francesismo, diria Jorge Amado era uma espécie de *Nouvelles Littéraires* traduzido ao português (Amado 1992, 366). O francesismo era provavelmente a intenção da crítica feita por Oswald de Andrade à *Dom Casmurro*. Segundo Joel Silveira este considerava-o um jornal da Belle-époque (Silveira 1998, 142).

De um modo geral o jornal, que inicialmente dedicará bastante espaço para a literatura considerada clássica europeia, priorizando a crítica de escritores predominantemente franceses, terá, com Jorge Amado, uma leve mudança de ênfase. Em seus artigos predomina a preocupação com a realidade da literatura nacional. Ainda quando discorre sobre escritores estrangeiros, estes são traduções e parte de coleções que passam a ser lançadas por editoras brasileiras, examinando, Jorge Amado, o projeto editorial. Devemos lembrar também a dinâmica do mercado editorial brasileiro neste período, que terá reflexos sobre a crítica e resenhas publicadas em jornais. Esse movimento, como afirmamos, deve ser observado a partir do próprio contexto de guerra. A Europa, em 1939, precisamente em setembro quando foi invadida a Polônia, seria tomada pelas preocupações com a guerra. Jorge Amado iniciaria seu trabalho de editor em Agosto desse ano e o enfoque maior para a literatura nacional e dos países vizinhos, além de significar uma preocupação intelectual, deve ser pensado levando em conta estas questões da conjuntura internacional.

O escritor baiano fora cogitado em outra ocasião, para assumir a chefia da redação quando Moacir Deabreu deixa a vaga que ocupara no lugar de Alvaro Moreyra. Entretanto suas ligações com o Partido Comunista comprometeria ainda mais o jornal (Silveira 1998, 316).

Jorge Amado neste momento, em fins de 1930, disfrutava de uma crítica bastante receptiva à sua obra. Era tido como um jovem e promissor escritor, ainda que o sucesso não representasse ganhos financeiros, como pode ser auferido de suas memórias. Entretanto graças às mesadas do pai, em Ilheus, mantinha apartamento na Urca onde conservava uma vida social agitada (Amado 1992, 182 e 367). Além da publicação de seus livros atuava na imprensa carioca fazendo crítica literária. Em 1933 estreia em *Boletim de Ariel* junto a outros comunistas como Alberto Passos Guimarães, Edson Carneiro, Dias da Costa, Aderbal Jurema, Aydano do Couto Ferraz, etc.⁷

A perseguição a Jorge Amado teve início já em 1935 quando, logo após ter sido contratado como assistente de Anísio Teixeira e com as perseguições do governo Vargas após a insurreição da Aliança Nacional Libertadora (ANL), é forçado a

7. *Boletim de Ariel* (1931–1938), publicação mensal dedicada à divulgação literária (Rubim 2007, 384; De Luca 2011b, 69).

fugir e em novembro de 1936 é preso por dois meses. Em 1937 viaja pela América Latina, procurando escapar das perseguições no Brasil. Ao retornar é novamente preso em Manaus só sendo libertado em 1938 (Fundação Casa de Jorge Amado, FCJA, 2009, 23–24).

Quando inicia seu trabalho na redação de *Dom Casmurro* tem uma longa trajetória como ativista política. Vale destacar que o Catálogo da FCJA aponta o ano de 1939 como de intensa atividade política. Esta parece ser uma chave de leitura necessária para o período em que trabalha em *Dom Casmurro*.

Se nos artigos, como vimos, tratou de manter a linha de crítica e divulgação literária, procuramos aqui realizar uma análise do conjunto do jornal no período em que atua como redator. Já no primeiro número em que inicia sua colaboração na redação algumas alterações são visíveis: a página número dois deixa de ser intitulada “1939” e passa a ser chamada “A Semana”, onde são publicadas colunas de Joel Silveira, a coluna “Na porta da Livraria” e “Cartaz da Semana”. Este seria um caderno no qual dominava apontamentos sobre a vida intelectual da cidade, com notícias e comentários. Outra mudança dá-se na página cinco que deixa de ser de arte. Esta passa a ser o caderno “Todas as ideias”, antes localizado na página sete. Além da mudança de página esta sessão vem com novas colunas: “Ideias que não envelhecem”, “Todas as ideias em . . .” e a coluna dedicada a esclarecer perguntas dos leitores, com o nome “E aqui lhe respondemos”. Estas pequenas mudanças dão ao jornal uma tônica mais atual. Há uma visível preocupação em ampliar o espectro de leitores e estabelecer um diálogo com ele. Isto é visível na coluna publicada no início de 1940. Jorge Amado (1940a) escreve seu editorial semanal dedicado aos leitores. Na primeira página vinha o título “Leitores e amigos” onde o redator pede sugestões. Pergunta aos leitores que seções novas gostaria de ver, quais as seções que mais agradam e que deveriam ser ampliadas, quais deveriam desaparecer ou ser diminuídas. Iguamente informa aos leitores das modificações e criação da coluna “O livro português” (Amado 1940a).

Essas modificações vão ao encontro das afirmações ditas por Emil Farhat à Werneck Sodré anteriormente citadas. Também vão de encontro à política cultural do Partido Comunista no sentido de ampliar seu campo de influência não apenas educando seus militantes como procurando atingir o restante da sociedade. Tratava-se de aproximar o jornal da realidade da sociedade brasileira. Segundo afirma Antonio Rubim (2007, 379), “A presença político-cultural dos marxistas não se restringia à posse e às realizações dessa aparelhagem cultural. A teia expande-se e penetra de modo fino e por vezes imperceptível em inúmeras instituições destinadas a organizar, produzir e/ou difundir socialmente bens simbólicos, potencializando enormemente a presença e influência cultural dos marxistas”.

Não era, portanto necessário falar abertamente de política, mas atuar com o sentido de imprimir valores. Na coluna “Todas as ideias em . . .” o ponto de maior destaque será dar a voz a escritores de países como França, Inglaterra especialmente àqueles que falam da importância dos valores das democracias liberais contra o fascismo, que demarcam uma crítica. São citados o poeta e escritor francês Jules Romains no Congresso do Pen Club em Nova York conclamando os escritores brasileiros a participarem na luta da inteligência contra a barbárie (*Dom Casmurro* 1940b).

Desde o primeiro número em que inicia seu trabalho inaugura uma coluna onde são entrevistados intelectuais brasileiros ou suas esposas.⁸ Nessa linha de entrevista semanal o próprio Jorge Amado é entrevistado por Danilo Bastos (*Dom Casmurro* 1939h). Os quatro números seguintes do jornal terão um corte de páginas que nos levantam dúvidas sobre suas motivações. Ao retornar às suas doze páginas o caderno “Todas as ideias” aparecerá modificado. As entrevistas continuam, porém não com a mesma assiduidade.⁹ Daí em diante, na gestão de Jorge Amado, a seção de entrevistas assim concebidas, não aparecem mais. Entretanto será bastante comum o recurso a entrevistas não apenas em *Dom Casmurro*, como em diversos jornais. Em grande parte procurava-se realizar sondagens aos escritores sobre as novidades do ano literário.

Vale a pena deter-nos na entrevista feita a Jorge Amado. O depoimento do escritor está centrado na forma como ele constrói seus personagens, na relação existente entre imaginação e realidade. Jorge Amado acentua a necessidade da literatura de falar da realidade. Sua inspiração, segundo diz, vem do povo. É a partir de suas experiências e da convivência com os homens comuns que surgem seus personagens. Estes não são inventados mas criados a partir da experiência humana real. Segundo afirma as situações podem ser inventadas, porém é a partir da realidade que ele imagina os sentimentos de seus personagens: “é impossível inventar. Imaginar exclusivamente, sem base no real. O romancista tem de ver a vida face a face, sem fugir de sua realidade” (*Dom Casmurro* 1939h). As palavras de Jorge Amado expressam o que Antonio Candido (1984) afirma ser uma preocupação central do período explicitada na noção de realidade brasileira. Sua literatura pretendia investigar e documentar essa realidade. Considerações semelhantes são feitas por Werneck Sodré (1970, 102) sobre a literatura do que ele nomeia “romance nordestino do pós-Modernismo”: tratava-se de uma literatura “acentuadamente documentarista”.

Antes de iniciar a entrevista, Danilo Bastos, também colunista do jornal, comenta de modo passageiro o trabalho de Jorge Amado como redator chefe. Na redação do jornal era ele quem cobrava da equipe a entrega dos artigos nos prazos devidos. Sentado em sua mesa, imprimia dinâmica à redação.

A redução das páginas nos números seguintes é mencionada em nota aos leitores justificando como uma política dos jornais diante da escassez de papel causada pela guerra. Confuso, as tensões entre o jornal e o Estado Novo, observável nas palavras de Brício de Abreu, permitem levantar dúvidas sobre os motivos dessa redução. De fato o jornal, nos anos seguintes, declina para uma posição de maior aproximação com os agentes do Estado.

8. A primeira entrevista é feita a Dias da Costa (*Dom Casmurro* 1939c). Na semana seguinte é a vez de Selma Machado, esposa de Anibal Machado (*Dom Casmurro* 1939d); na terceira Luiza Ramos, esposa de Arthur Ramos (*Dom Casmurro* 1939e), na seguinte é entrevistada Maria Portinari (*Dom Casmurro* 1939f), depois é a vez de Lila Hernandez Catá, esposa do escritor cubano e que vivia no Rio de Janeiro, Hernandez Catá (*Dom Casmurro* 1939g).

9. No número 119 a entrevista seria a Raquel de Queiroz, numa edição de oito páginas (*Dom Casmurro* 1939i). Depois seria a vez de Frederico Schmidt (*Dom Casmurro* 1939j). No número seguinte seria a vez de José Lins do Rego (*Dom Casmurro* 1939k) e dando seguimento Érico Veríssimo (*Dom Casmurro* 1939l). A última entrevista nesse modelo será feita a R. Magalhães (*Dom Casmurro* 1939m).

No exame do periódico é possível constatar que durante o período em que circulou, em seus 452 números teve apenas quatro redatores chefes. Foram eles Alvaro Moreyra, que inaugura o periódico com Brício de Abreu e é quem mais tempo permanece no cargo. Depois dele assume por um curto tempo Moacyr Debreu que trabalha nas edições de número sete a quatorze. Em seguida Marques de Rebelo que permanece na redação durante os números 65 a 112. Finalmente Jorge Amado que atua nos números 113 a 148 sendo substituído depois por Álvaro Moreyra. Com a saída deste último o cargo de redator chefe permaneceria vago (De Luca 2013, 282).

A presença deste nomes no frontispício do jornal, assim como a publicação da lista de colaboradores dava respaldo e legitimidade a *Dom Casmurro*. Quando assume Jorge Amado, o periódico já estava consagrado como um dos mais importantes jornais de literatura e cultura do período. O mesmo pode ser dito do escritor baiano.

A saída de Jorge Amado dá-se quando o jornal completava mais um ano. *Dom Casmurro* anuncia em letras garrafais na primeira página o terceiro aniversário e as celebrações que pretendia realizar. Fazendo um balanço do trabalho desses anos e das inúmeras dificuldades, salientava o cumprimento dos seus propósitos de serem “divulgadores, para todo o Brasil, de tudo o que se passa no meio artístico intelectual entre nós e o estrangeiro” (*Dom Casmurro* 1940a). No meio das celebrações apareceria o informe da saída de Jorge Amado. Observada a lista dos colaboradores e demais escritores que se faziam presentes no periódico, pode-se concluir que sua saída não representava nenhum abalo ao consolidado jornal. Nem tampouco representaria uma mudança de posicionamento político radical. Em seu lugar retornaria Álvaro Moreyra. Segundo Antonio Rubim (2007) a publicação sofria influência do Partido Comunista. Apesar das negativas constantes de Brício de Abreu, esta hipótese pode ser aventada, especialmente com a presença de Jorge Amado e se lembramos o que este declara em suas memórias, ao mencionar sua entrada em *Dom Casmurro* afirmando que “Faço de um tudo e mais que tudo participo da atividade do pecê” (Amado 1992, 366). A afirmação é bastante elucidativa sobre a atuação de Jorge Amado na imprensa da época. Poucos estudos dedicam atenção a esta sua intensa atividade da qual Jorge Amado tampouco falou muito. A possibilidade de compreensão passa sobretudo pela militância pecebista. Em seus depoimentos enfatiza o engajamento manifesto na literatura como nos diversos jornais em que atua (Barbosa 2010, 392).

CONCLUSÕES

Nos limites deste artigo procurou-se examinar a participação de Jorge Amado como redator chefe no jornal *Dom Casmurro*. O objetivo foi de evidenciar as complexas relações existentes durante o período do Estado Novo (1937–1945) entre os escritores, a imprensa e esse Estado autoritário. O estudo de *Dom Casmurro*, durante o curto período em que atuou o escritor baiano, permitem evidenciar os equívocos seja de afirmar uma cooptação dos intelectuais pelo Estado Novo, seja o contrário, de considerar que determinados intelectuais e/ou imprensa era

instrumento do Partido Comunista. Entre um e outro polo existiu tensões e contradições que impedem qualquer afirmação nesse sentido.

Se por um lado Brício de Abreu negava reiteradas vezes não ser o jornal uma “coima de comunistas”, como se dizia, e que de fato não era, por outro também não era tão indiferente à política como pretendia parecer. Em realidade a disputa fala muito mais das difíceis e complexas relações que se estabeleciam no campo intelectual numa conjuntura política tão restritiva como foi do Estado Novo. Não deixa de ser surpreendente o longo período de existência do jornal apesar da presença de comunistas como foi o caso de Jorge Amado. Nesses longos anos, como pode ser auferido das fontes aqui levantadas, o jornal sofreu acusações e teve muito provavelmente que negociar posições mais radicais. Entretanto os matizes da relação que aqui tentamos apanhar demonstram a existência de uma pluralidade e de possibilidades de atuação mesmo quando a ação do estado pretende ser restritivas. Analisar precisamente o período em que o escritor militante como Jorge Amado atua no jornal *Dom Casmurro* possibilita compreender melhor essa dinâmica.

REFERÊNCIAS

Amado, Jorge

- 1939a “Um novo concurso de romance: Prêmio *Dom Casmurro* e Vecchi Editor”. *Dom Casmurro* (Rio de Janeiro) 3 (113): 1.
- 1939b “Prêmios literários”. *Dom Casmurro* 3 (117): 1.
- 1939c “O nosso banquete e a Academia”. *Dom Casmurro* 3 (129): 1.
- 1939d “Leopoldo Méndez”. *Dom Casmurro* 3 (127): 1.
- 1939e “Um caricaturista”. *Dom Casmurro* 3 (130): 1.
- 1939f “Intercâmbio cultural luso-brasileiro”. *Dom Casmurro* 3 (115): 1.
- 1939g “Wells, o pacifista”. *Dom Casmurro* 3 (118): 1.
- 1939h “Will Durant, os moços e a filosofia”. *Dom Casmurro* 3 (119): 1.
- 1939i “Lutam os discípulos”. *Dom Casmurro* 3 (120): 1.
- 1939j “Poesia”. *Dom Casmurro* 3 (122): 1.
- 1939k “Um romancista sul-americano”. *Dom Casmurro* 3 (131): 1.
- 1939l “Chave de ouro”. *Dom Casmurro* 3 (132): 1.
- 1939m “Livro infantil”. *Dom Casmurro* 3 (116): 1.
- 1940a “Leitores e amigos”. *Dom Casmurro* 4 (133): 1.
- 1940b “Um livro de viagens”. *Dom Casmurro* 4 (137): 1.
- 1940c “Sábios e heróis”. *Dom Casmurro* 4 (146): 1.
- 1940d “Retrato de corpo inteiro”. *Dom Casmurro* 4 (134): 1.
- 1940e “Um historiador português”. *Dom Casmurro* 4 (140): 1.
- 1940f “Livros escravos e reedições”. *Dom Casmurro* 4 (142): 1.
- 1992 *Navegação de cabotagem*. São Paulo: Record.
- 2011 *O país do carnaval*. São Paulo: Cia das Letras.

Barbosa, Julia Monnerat

- 2010 “Militância política e produção literária no Brasil (dos anos 30 a 50): As trajetórias de Graciliano Ramos e Jorge Amado no PCB”. Tese de doutorado, Programa de Pós-graduação em História, UFF.

Candido, Antonio

- 1984 “A Revolução de 1930 e cultura”. *Novos Estudos CEPRAP* (São Paulo) 2 (4): 27–36.

De Luca, Tania

- 2011a “O jornal literário *Dom Casmurro*: Nota de pesquisa”. *História* (Rio Grande) 2 (3): 67–81.
- 2011b *Leituras, projetos e (re)vista(s) do Brasil (1916–1944)*. São Paulo: Editora Unesp.

- 2013 "Brício de Abreu e o jornal literário *Dom Casmurro*". *Varia História* (Belo Horizonte, UFMG) 29 (49): 277–301.
- Dom Casmurro*
- 1937a "Nós". 1 (1): 1.
- 1937b "E a confusão era geral". 1 (27–28): 1.
- 1939a "E vamos andando". 3 (113): 1.
- 1939b "A Sociedade de Gente de Letras". 3 (130): 1.
- 1939c "Dias Costa conta sua vida". 3 (113): 5.
- 1939d "Sou esposa de um escritor: Selma Machado fala de Aníbal Machado". 3 (114): 5.
- 1939e "Sou esposa de um escritor: Entrevista com Luíza Ramos". 3 (115): 5.
- 1939f "Sou esposa de um pintor: Portinari visto por sua esposa". 3 (116): 5.
- 1939g "Sou esposa de um escritor: Lila Hernandez Catá". 3 (117): 5.
- 1939h "Nascimento, vida e glória dos personagens". 3 (118): 5.
- 1939i "Nascimento, vida e glória dos personagens: Entrevista com Raquel de Queiroz". 3 (119): 7.
- 1939j "Reparação de Frederico Schmidt". 3 (121): 7.
- 1939k "Nascimento, vida e gloria dos personagens: Entrevista com José Lins". 3 (122): 7.
- 1939l "Nascimento, vida e glória dos personagens: Entrevista com Érico Veríssimo". 3 (123): 8.
- 1939m "Nascimento, vida e glória dos personagens: Entrevista com R. Magalhães". 3 (126): 2.
- 1939n "Bilan de 2 anos. 2 (103): 1
- 1940a "3º aniversário". 4 (149): 1.
- 1940b "Todas as ideias". 4 (133): 1.
- Ferrari, Danilo W.
- 2008 "Diretrizes: A primeira aventura de Samuel Wainer." *Histórica. Revista Eletrônica do Arquivo do Estado de São Paulo* (31). <http://www.historica.arquivoestado.sp.gov.br/materias/anteriores/edicao31/materia01/texto01.pdf>.
- Fundação Casa de Jorge Amado (FCJA)
- 2009 "Catálogo do acervo de documentos". Myriam Fraga, apresentação. Salvador: FCJA.
- Hallewell, Laurence
- 2012 *O livro no Brasil: Sua história*, 3ª ed. São Paulo: Editora da USP.
- Melo, Ana Amelia M. C. de
- 2011 "Associação Brasileira de Escritores: Dinâmica de uma disputa". *Varia História* (Belo Horizonte) 27 (46): 711–732.
- Miceli, Sergio
- 2001 *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Cia das Letras.
- Moisés, Massaud
- 1999 *Pequeno dicionário de literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix.
- Mota, Carlos Guilherme
- 1994 *Ideologia da cultura brasileira (1933–1974)*. São Paulo: Ática.
- Rubim, Antonio Albino Canelas
- 2007 "Marxismo, cultura e intelectuais no Brasil". Em *História do Marxismo no Brasil: Teorias e interpretações*, 469–473. São Paulo: Editora da Unicamp.
- Silveira, Joel
- 1998 *Na fogueira: Memórias*. Rio de Janeiro: Mauad.
- Sodré, Nelson W.
- 1970 *Memórias de um escritor 1*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Sorá, Gustavo
- 2010 *Brasileiras: José Olympio e a gênese do mercado editorial brasileiro*. São Paulo: Edusp.